

LEÃO XIV



**HOMILIAS
2026**

Editado por



PAPA LEÃO XIV

HOMILIAS 2026

Fonte:
vatican.va

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA, MÃE DE DEUS
LIX JORNADA MUNDIAL DA PAZ

Basílica de São Pedro

Quinta-feira, 1 de janeiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

Hoje, Solenidade de Maria Santíssima, Mãe de Deus, início do novo ano civil, a Liturgia oferece-nos o texto de uma bênção belíssima: «O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te favoreça! O Senhor volte para ti a sua face e te dê a paz!» (*Nm 6, 24-26*).

Esta bênção encontra-se, no livro dos Números, a seguir às indicações sobre a consagração dos nazireus, para sublinhar, na relação entre Deus e o povo de Israel, a dimensão sagrada e fecunda do dom. O homem oferece tudo o que recebeu ao Criador, que responde voltando para ele o seu olhar benigno, tal como nos primórdios do mundo (cf. *Gn 1, 31*).

Graças à intervenção de Deus e à resposta generosa do seu servo Moisés, o povo de Israel, a quem esta bênção se dirigia, era um povo de libertos, de homens e mulheres renascidos após uma prolongada escravidão. Era um povo que no Egito tinha usufruído de algumasseguranças – não faltava comida, nem teto, nem uma certa estabilidade –, mas à custa de ser escravo, oprimido por uma tirania que exigia cada vez mais, dando cada vez menos (cf. *Ex 5, 6-7*). Agora, no deserto, muitas das certezas do passado tinham-se perdido, mas em troca havia a liberdade, que se concretizava num caminho aberto para o futuro, no dom de uma lei de sabedoria e na promessa de uma terra na qual fosse possível viver e crescer sem grilhões nem correntes; em suma, num renascimento.

Assim, no início do novo ano, a Liturgia recorda-nos que cada dia pode ser, para cada um de nós, o início de uma nova vida, graças ao amor generoso de Deus, à sua misericórdia e à resposta da nossa liberdade. É bonito pensar deste modo o ano que começa: como um caminho aberto, a descobrir, no qual por graça nos podemos aventurar, livres e portadores de

liberdade, perdoados e doadores de perdão, confiantes na proximidade e na bondade do Senhor que sempre nos acompanha.

Tudo isto recordamos ao celebrar o mistério da Divina Maternidade de Maria, que com o seu “sim” contribuiu para dar à Fonte de toda a misericórdia e benevolência um rosto humano: o rosto de Jesus, através de cujos olhos de criança, depois jovem e homem, o amor do Pai nos alcança e transforma.

Por isso, no início do ano, encaminhando-nos para os dias novos e únicos que nos esperam, pedimos ao Senhor que em cada momento sintamos, à nossa volta e sobre nós, o calor do seu abraço paterno e a luz do seu olhar benevolente, para compreendermos sempre mais e termos constantemente presente quem somos e a que fim maravilhoso nos dirigimos (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 41). Ao mesmo tempo, porém, também nós lhe damos glória, com a oração e a santidade de vida, tornando-nos, uns para os outros, espelho da sua bondade.

Santo Agostinho ensinava que em Maria «o criador do homem se fez homem, para que, embora Ele fosse o criador das estrelas, se alimentasse do seio de uma mulher; embora Ele fosse o pão (cf. *Jo* 6, 35), pudesse ter fome (cf. *Mt* 4,2); [...] para nos libertar, embora nós fossemos indignos» (*Sermo* 191, 1.1). Deste modo, ele recordava uma das características fundamentais do rosto de Deus: o da total gratuidade do seu amor, pelo qual Ele se nos apresenta – como quis sublinhar na *Mensagem deste Dia Mundial da Paz* – “desarmado e desarmante”, nu e indefeso, como um recém-nascido no berço. Tudo isto para nos ensinar que o mundo não se salva afiando espadas, julgando, oprimindo ou eliminando os irmãos, mas sim esforçando-se incansavelmente por compreender, perdoar, libertar e acolher todos, sem cálculos nem medos.

É este o rosto de Deus que Maria deixou que se formasse e crescesse no seu ventre, mudando completamente a sua vida. É o rosto que ela anunciou através da luz alegre e delicada dos seus olhos de mãe expectante; o rosto cuja beleza ela contemplou dia após dia, à medida que Jesus ia crescendo – criança, adolescente e jovem – na sua casa; e que depois acompanhou, com o seu coração de discípula humilde, enquanto Ele percorria os caminhos da

sua missão, até à cruz e ressurreição. Para o fazer, também ela depôs todas as defesas, renunciando a expectativas, pretensões e garantias, como as mães sabem fazer, consagrando sem reservas a sua vida ao Filho que por graça tinha recebido, para que Ela, por sua vez, o doasse de novo ao mundo.

Na Maternidade Divina de Maria, observamos o encontro de duas realidades imensas e “desarmadas”: a de Deus, que renuncia a todos os privilégios da sua divindade para nascer segundo a carne (cf. *Fil 2, 6-11*), e a da pessoa que com confiança abraça totalmente a sua vontade, prestando-Lhe, num ato perfeito de amor, a homenagem do seu maior poder: a liberdade.

Meditando sobre este mistério, São João Paulo II convidava a contemplar o que os pastores encontraram em Belém: «a serena ternura do Menino, a surpreendente pobreza em que Ele se encontra, a humilde simplicidade de Maria e de José» transformaram a sua vida, tornando-os «mensageiros de salvação» (*Homilia na Missa de Maria Santíssima, Mãe de Deus, XXXIV Dia Mundial da Paz*, 1 de janeiro de 2001).

Disse-o no final do Grande Jubileu do ano 2000, com palavras que nos podem fazer refletir também a nós: «Quantos dons – afirmava – e quantas ocasiões extraordinárias o grande Jubileu ofereceu aos fiéis! Na experiência do dom recebido e concedido, na recordação dos mártires, na escuta do brado dos pobres do mundo [...] também nós entrevimos a presença salvífica de Deus na história. Quase tocámos com a mão o seu amor que renova a face da terra» (*ibid*), e concluía: «Como aos pastores que acorreram para o adorar, Cristo pede aos fiéis, aos quais concedeu a alegria do Seu encontro, uma corajosa disponibilidade a partir de novo para anunciar o seu Evangelho, antigo e sempre novo. Convida-os a vivificar a história e as culturas dos homens com a sua mensagem salvífica» (*ibid*.).

Queridos irmãos e irmãs, nesta Festa solene, no início do novo ano, prestes a concluir o Jubileu da Esperança, abeiremo-nos com fé do Presépio, qual lugar por excelência da paz “desarmada e desarmante”, lugar de bênção, no qual podemos recordar os prodígios que o Senhor realizou na história da salvação e na nossa existência, para depois partirmos, como os humildes testemunhas da gruta, «glorificando e louvando a Deus» (*Lc 2,*

20) por tudo o que vimos e ouvimos. Que seja este o nosso compromisso e propósito para os próximos meses e para toda a nossa vida cristã.

SOLENIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR –
ENCERRAMENTO DA PORTA SANTA E SANTA MISSA

Basílica de São Pedro

Terça-feira, 6 de janeiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

O Evangelho (cf. *Mt* 2, 1-12) descreveu-nos a grande alegria dos Magos ao reverem a estrela (cf. v. 10), mas também a perturbação sentida por Herodes e por toda a cidade de Jerusalém diante da sua busca (cf. v. 3). Sempre que se trata das manifestações de Deus, a Sagrada Escritura não esconde este tipo de contrastes: alegria e perturbação, resistência e obediência, medo e desejo. Celebramos hoje a Epifania do Senhor, conscientes de que, na sua presença, nada permanece como antes. Este é o início da esperança. Deus revela-se e nada pode permanecer imóvel. Acaba-se uma certa tranquilidade, aquela que leva os melancólicos a repetir: «Nada há de novo debaixo do Sol» (*Ecl* 1, 9). Começa algo do qual dependem o presente e o futuro, como anuncia o Profeta: «Levanta-te e resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz! A glória do Senhor amanhece sobre ti!» (*Is* 60, 1).

Surpreende que seja perturbada precisamente Jerusalém, cidade palco de tantos novos começos. Dentro dela, exatamente aqueles que estudam as Escrituras e pensam ter todas as respostas dão a impressão de ter perdido a capacidade de formular perguntas e cultivar desejos. Aliás, a cidade fica assustada com aqueles que vêm de longe, movidos pela esperança, a ponto de pressentir uma ameaça naquilo que, pelo contrário, deveria dar-lhe muita alegria. Esta reação interpela também todos nós, como Igreja.

A Porta Santa desta Basílica que, por último, hoje foi fechada, recebeu o fluxo de inúmeros homens e mulheres, peregrinos de esperança, a caminho da Cidade cujas portas estão sempre abertas, a nova Jerusalém (cf. *Ap* 21, 25). Quem foram eles e o que os motivava? No final do Ano Jubilar, questiona-nos com particular seriedade a busca espiritual dos nossos contemporâneos, muito mais rica do que talvez possamos compreender.

Milhões deles atravessaram a soleira da Igreja. E o que encontraram? Que corações, que atenção, que acolhimento? Sim, os Magos ainda existem. São pessoas que aceitam o desafio de arriscar cada um a própria viagem, que num mundo conturbado como o nosso, sob muitos aspectos repulsivo e perigoso, sentem a necessidade de partir, de procurar.

Homo viator, assim diziam os antigos. Somos vidas a caminho. O Evangelho compromete a Igreja a não ter medo desse dinamismo, mas a apreciá-lo e a orientá-lo para o Deus que o suscita. É um Deus que pode perturbar-nos, porque não está imóvel nas nossas mãos como os ídolos de prata e ouro: pelo contrário, é vivo e vivificante, como aquele Menino que Maria acolheu nos seus braços e que os Magos adoraram. Os lugares santos, como as catedrais, as basílicas, os santuários, que se tornaram destinos de peregrinação jubilar, devem difundir o perfume da vida, a impressão indelével de que um outro mundo começou.

Perguntemo-nos: há vida na nossa Igreja? Há espaço para o que está a nascer? Amamos e anunciamos um Deus que nos põe novamente a caminho?

No relato, Herodes teme pelo seu trono, agita-se com o que sente fugir ao seu controlo. Tenta aproveitar-se do desejo dos Magos e procura desviar em seu benefício a busca deles. Está pronto a mentir, está disposto a tudo; verdadeiramente, o medo cega. Em contrapartida, a alegria do Evangelho liberta: torna-nos prudentes, sim, mas também audazes, atentos e criativos; sugere estradas diferentes daquelas já percorridas.

Os Magos trazem a Jerusalém uma pergunta simples e essencial: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?» (*Mt 2, 2*). Como é importante que quem atravessa a porta da Igreja sinta que o Messias acaba de nascer ali e que ali se reúne uma comunidade na qual surgiu a esperança e que ali está a acontecer uma história de vida! O Jubileu veio para nos lembrar que é possível recomeçar, ou melhor, que estamos ainda no início, que o Senhor deseja crescer no meio de nós, deseja ser o Deus-conosco. Sim, Deus põe em questão a ordem existente: tem sonhos que ainda hoje inspira nos seus profetas; está determinado a resgatar-nos de antigas e novas escravidões; envolve jovens e idosos, pobres e ricos, homens e mulheres, santos e

pecadores nas suas obras de misericórdia, nas maravilhas da sua justiça. Não faz barulho, mas o seu Reino já está a germinar em todo o mundo.

Quantas epifanias nos são concedidas ou estão prestes a ser concedidas! No entanto, elas devem ser desviadas das intenções de Herodes, dos medos sempre prontos a transformar-se em agressão. «Desde o tempo de João Baptista até agora, o Reino do Céu tem sido objeto de violência e os violentos apoderam-se dele à força» (*Mt 11, 12*). Esta misteriosa expressão de Jesus, relatada no Evangelho de Mateus, não pode deixar de nos fazer pensar nos numerosos conflitos com os quais os homens podem resistir e até mesmo atingir o Novo que Deus reserva para todos. Amar a paz e procurá-la significa proteger o que é santo e, por isso mesmo, nascente: pequeno, delicado, frágil como uma criança. À nossa volta, uma economia distorcida tenta tirar proveito de tudo. Vemo-lo: o mercado transforma em negócios até mesmo a sede humana de procurar, viajar e recomeçar. Perguntemo-nos: o Jubileu ensinou-nos a fugir desse tipo de eficiência que reduz tudo a um produto e o ser humano a um consumidor? Depois deste ano, estaremos mais capacitados para reconhecer no visitante um peregrino, no desconhecido um buscador, no distante um vizinho, no diferente um companheiro de viagem?

O modo como Jesus encontrou a todos e deixou que todos se aproximassesem d'Ele ensina-nos a valorizar o segredo dos corações que só Ele sabe ler. Com Ele, aprendemos a interpretar os sinais dos tempos (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 4). Ninguém nos pode vender isto. O Menino que os Magos adoram é um Bem sem preço, nem medida. É a Epifania da gratuidade. Não nos aguarda em lugares prestigiados, mas nas realidades humildes. «E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades da Judeia» (*Mt 2, 6*). Quantas cidades, quantas comunidades precisam de ouvir: “De modo nenhum és a menor”. Sim, o Senhor continua a surpreender-nos! Ele deixa-se encontrar. Os nossos caminhos não são os seus caminhos, que nem os violentos conseguem dominar, nem os poderes do mundo podem obstruir. Daí a grande alegria dos Magos, que deixam para trás o palácio e o templo e partem para Belém: voltam então a ver a estrela!

Por isso, queridos irmãos e irmãs, é bom sermos peregrinos de esperança. E é bom continuar a sê-lo, juntos! A fidelidade de Deus continuará a surpreender-nos. Se não reduzirmos as nossas igrejas a monumentos, se as nossas comunidades forem casas, se resistirmos unidos às seduções dos poderosos, então seremos a geração da aurora. Maria, Estrela da Manhã, caminhará sempre à nossa frente! No seu Filho, contemplaremos e serviremos uma magnífica humanidade, transformada não por delírios de omnipotência, mas pelo Deus que, por amor, se fez carne.

CONSISTÓRIO EXTRAORDINÁRIO

Basílica de São Pedro

Quinta-feira, 8 de janeiro de 2026

«Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus» (*1 Jo 4, 7*). A Liturgia propõe-nos esta exortação ao celebrarmos o Consistório extraordinário: momento de graça em que se expressa a nossa união ao serviço da Igreja.

Como sabemos, a palavra Consistório, *Consistorium*, “assembleia”, pode ser interpretada à luz da raiz do verbo *consistere*, ou seja, “parar”. E, efetivamente, todos nós “parámos” para estar aqui: interrompemos por algum tempo as nossas atividades e renunciámos a compromissos importantes, para nos reunirmos e discernirmos o que o Senhor nos pede para o bem do seu Povo. Este é, por si só, um gesto muito significativo, profético, especialmente no contexto da sociedade frenética em que vivemos. Lembra-nos, pois, a importância, em cada percurso de vida, de parar para rezar, ouvir, refletir e assim voltar a focar cada vez melhor o olhar na meta, direcionando para ela cada esforço e recurso, para não corrermos o risco de andar às cegas ou dar golpes no ar em vão, como adverte o apóstolo Paulo (cf. *1 Cor 9, 26*). Na verdade, não estamos aqui para promover “agendas” – pessoais ou de grupo –, mas para confiar os nossos projetos e inspirações ao juízo de um discernimento que nos ultrapassa «tanto quanto os céus estão acima da terra» (*Is 55, 9*) e que só pode vir do Senhor.

Por isso, é importante que agora, na Eucaristia, coloquemos sobre o Altar, com o dom da nossa vida, todos os nossos desejos e pensamentos, oferecendo-os ao Pai em união com o Sacrifício de Cristo, para os recebermos purificados, iluminados, fundidos e transformados, pela graça, num único Pão. Com efeito, só assim saberemos realmente ouvir a sua voz, acolhendo-a no dom que somos uns para os outros: motivo pelo qual nos reunimos.

O nosso Colégio, embora rico de tantas competências e dotes notáveis, na verdade, não é chamado a ser, em primeiro lugar, uma equipa de especialistas, mas uma comunidade de fé, na qual os dons que cada um traz, oferecidos ao Senhor e por Ele restituídos, produzam, segundo a sua Providência, o máximo fruto.

Afinal, o Amor de Deus, do qual somos discípulos e apóstolos, é um Amor “trinitário”, “relacional”, fonte daquela espiritualidade de comunhão da qual vive a Esposa de Cristo e da qual ela quer ser casa e escola (cf. Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 6 de janeiro de 2001, 43). São João Paulo II, desejando o seu crescimento no início do terceiro milénio, definiu-a como um «o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor» (*ibid.*).

Assim, o nosso “parar” é, antes de tudo, um grande ato de amor – a Deus, à Igreja e aos homens e mulheres de todo o mundo –, com o qual nos deixamos moldar pelo Espírito: primeiro, na oração e no silêncio, mas também olhando-nos nos olhos, ouvindo-nos reciprocamente e dando voz, através da partilha, a todos aqueles que o Senhor confiou, nas mais diversas partes do mundo, aos nossos cuidados de Pastores. Um ato a ser vivido com coração humilde e generoso, na consciência de que é por graça que aqui estamos e que não há nada, do que trazemos, que não tenha sido recebido como dom e talento a não ser desperdiçado, mas a ser investido com perspicácia e coragem (cf. *Mt 25, 14-30*).

São Leão Magno ensinava que «é algo grandioso e muito precioso aos olhos do Senhor quando todo o povo de Cristo se dedica em conjunto aos mesmos deveres, em todos os graus e em todas as ordens [...] colaboram com um mesmo espírito [...]. Então – dizia ele –, os famintos são alimentados, os nus são vestidos, os doentes são visitados, e ninguém busca os próprios interesses, mas os dos outros» (*Sermões*, 88, 4). Este é o espírito com que juntos queremos trabalhar: o de quem deseja que, no Corpo místico de Cristo, cada membro coopere ordenadamente para o bem de todos (cf. *Ef 4, 11-13*), desempenhando com dignidade e em pleno o seu ministério sob a orientação do Espírito, feliz por oferecer e ver amadurecer

os frutos do seu trabalho, assim como por receber e ver crescer os frutos do trabalho dos outros (cf. São Leão Magno, *Sermões*, 88, 5).

Há dois milénios que a Igreja encarna este mistério na sua poliédrica beleza (cf. Francisco, Carta Enc. *Fratelli tutti*, 280). Disso é testemunha esta mesma assembleia, na variedade das proveniências e idades e na unidade de graça e fé que nos reúne e irmana.

Evidentemente, também nós, diante da “grande multidão” de uma humanidade faminta de bem e de paz, num mundo em que a saciedade e a fome, a abundância e a miséria, a luta pela sobrevivência e o desesperado vazio existencial continuam a dividir e a ferir as pessoas, as nações e as comunidades, às palavras do Mestre «dai-lhes vós mesmos de comer» (*Mc* 6, 37), podemos sentir-nos como os discípulos: incapazes e desprovidos de meios. Porém, Jesus volta a repetir-nos: «Quantos pães tendes? Ide ver» (*Mc* 6, 38), e isso podemos fazê-lo juntos. Nem sempre, contudo, conseguiremos encontrar soluções imediatas para os problemas que temos de enfrentar. Todavia, em qualquer lugar e circunstância, poderemos sempre ajudar-nos mutuamente – e, em particular, ajudar o Papa – a encontrar os “cinco pães e dois peixes” que a Providência nunca deixa faltar ali onde os seus filhos imploram ajuda; e acolhê-los, entregá-los, recebê-los e distribuí-los, enriquecidos com a bênção de Deus e com a fé e o amor de todos, de modo que a ninguém falte o necessário (cf. *Mc* 6, 42).

Caríssimos, o que vós ofereceis à Igreja com o vosso serviço, a todos os níveis, é algo grandioso, extremamente pessoal e profundo, único para cada um e precioso para todos; e a responsabilidade que partilhais com o Sucessor de Pedro é grave e pesada.

Por isso, agradeço-vos de coração e gostaria de concluir confiando os nossos trabalhos e a nossa missão ao Senhor com as palavras de Santo Agostinho: «Concedei-nos muitos benefícios quando Vos invocamos. Todo o bem que recebemos antes de orar, recebemo-lo de Vós. Enfim, é ainda um dom que nos concedeis, o reconhecemos depois como Vosso, esse benefício. [...] Mas lembrai-Vos, Senhor, que somos pó e que do pó criastes o homem» (*Confissões*, 10, 31, 45). Por isso, vos dizemos: «Concedei-me o que me ordenais e ordenai-me o que quiserdes» (*ibid.*).

FESTA DO BATISMO DO SENHOR
CELEBRAÇÃO DA SANTA MISSA E BATISIMO DE ALGUMAS CRIANÇAS

Capela Sistina

Domingo, 11 de janeiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

Quando o Senhor entra na história, vem ao encontro da vida de cada um com coração aberto e humilde. Com o seu olhar, cheio de amor, Ele procura o nosso olhar e dialoga conosco, revelando-nos o Verbo da salvação. Feito homem, o Filho de Deus realiza para todos uma surpreendente possibilidade, que inaugura um tempo novo e inesperado, mesmo para os profetas.

João Batista percebe-o imediatamente e pergunta a Jesus: «Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e Tu vens a mim?» (*Mt 3, 14*). Como luz nas trevas, o Senhor faz-se encontrar ali onde não o esperamos: é o Santo entre os pecadores, que quer habitar no meio de nós sem manter distâncias, antes assumindo até ao fim tudo o que é humano. «Deixa por agora», responde Jesus a João, pois «convém que cumpramos assim toda a justiça» (v. 15). Qual justiça? A de Deus, que no batismo de Jesus realiza a nossa justificação: na sua infinita misericórdia, o Pai torna-nos justos por meio do seu Cristo, o único Salvador de todos. Como acontece isso? Aquele que é batizado por João no Jordão faz deste gesto um novo sinal de morte e ressurreição, de perdão e comunhão. Eis o Sacramento que celebramos hoje com as vossas crianças: porque Deus as ama, elas tornam-se cristãs, nossos irmãos e irmãs.

Os filhos que agora tendes nos braços são transformados em novas criaturas. Assim como receberam a vida de vós, pais e mães, eles recebem agora o sentido para a viver: a fé. Quando sabemos que um bem é essencial, imediatamente o procuramos para aqueles que amamos. Quem de nós, afinal, deixaria os recém-nascidos sem roupa ou alimento, à espera que escolham como se vestir e o que comer quando crescerem? Caríssimos, se

comida e vestuário são necessários para viver, a fé é mais do que necessária, porque com Deus a vida encontra a salvação.

O seu amor providencial manifesta-se na terra através de vós, mães e pais que pedis a fé para os vossos filhos. Chegará certamente o dia em que eles se tornarão pesados demais para serem carregados nos braços; e chegará também o dia em que serão eles a sustentar-vos. O Batismo, que nos une na única família da Igreja, santifique sempre todas as vossas famílias, dando força e constância ao afeto que vos une.

Os gestos que daqui a pouco realizaremos são lindos testemunhos disso: a água da fonte é o lavacro no Espírito, que purifica de todos os pecados; a veste branca é o traje novo, que Deus Pai nos dá para a festa eterna do seu Reino; a vela acesa no Círio pascal é a luz de Cristo ressuscitado, que ilumina o nosso caminho. Espero que o continueis com alegria ao longo do ano que começa e por toda a vida, certos de que o Senhor acompanhará sempre os vossos passos.

SOLENIDADE DA CONVERSÃO DE SÃO PAULO APÓSTOLO
CELEBRAÇÃO DAS SEGUNDAS VÉSPERAS LIX SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE
DOS CRISTÃOS

Basílica de São Paulo Extramuros

Domingo, 25 de janeiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

Numa das passagens bíblicas que acabámos de ouvir, o apóstolo Paulo define-se como «o menor dos apóstolos» (*1 Cor 15, 9*). Ele considera-se indigno deste título, porque no passado foi um perseguidor da Igreja de Deus. No entanto, ele não se sente prisioneiro desse passado, mas sim «o prisioneiro no Senhor» (*Ef 4, 1*). Na verdade, pela graça de Deus, conheceu o Senhor Jesus Ressuscitado, que se revelou a Pedro, depois aos Apóstolos e a centenas de outros seguidores do Caminho e, por fim, também a ele, um perseguidor (cf. *1 Cor 15, 3-8*). O seu encontro com o Ressuscitado determina a conversão que hoje comemoramos.

O alcance dessa conversão reflete-se na mudança do seu nome, de Saulo para Paulo. Por graça de Deus, aquele que outrora perseguiu Jesus foi completamente transformado e tornou-se sua testemunha. Aquele que combatia ferozmente contra o nome de Cristo, agora prega o seu amor com zelo ardente, como expressa vivamente o hino que cantámos no início desta celebração (cf. *Excelsam Pauli gloriam*, v. 2). Ao estarmos reunidos junto dos restos mortais do Apóstolo das Gentes, neste modo se nos recorda que a sua missão é também a missão dos cristãos de hoje: anunciar Cristo e convidar todos a depositarem a sua confiança n'Ele. Com efeito, cada verdadeiro encontro com o Senhor é um momento transformador, que dá uma nova visão e uma nova orientação no cumprimento da tarefa de edificar o Corpo de Cristo (cf. *Ef 4, 12*).

O Concílio Vaticano II, no início da Constituição sobre a Igreja, declarou o ardente desejo de anunciar o Evangelho a cada criatura (cf. *Mc 16, 15*) e assim «iluminar com a luz de Cristo, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens» (cf. Const. dogm. Lumen gentium, 1). É tarefa

comum dos cristãos dizer ao mundo, com humildade e alegria: «Olhai para Cristo! Aproximai-vos d'Ele! Acolhei a sua Palavra que ilumina e consola!» (*Homilia na Missa para o início do Ministério Petrino*, 18 de maio de 2025). Caríssimos, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos convida-nos anualmente a renovar o nosso comum compromisso nesta grande missão, conscientes que as divisões entre nós, não impedindo certamente a luz de Cristo de brilhar, todavia tornam mais opaco o rosto que a deve refletir no mundo.

No ano passado, celebrámos os 1700 anos do Concílio de Nicéia. Sua Santidade Bartolomeu, Patriarca Ecuménico, *convidou-nos a celebrar este aniversário em Iznik*, e dou graças a Deus pela presença de tantas tradições cristãs nessa comemoração, ocorrida há dois meses. Recitar juntos o Credo niceno no próprio local onde fora redigido constituiu um testemunho precioso e inesquecível da nossa unidade em Cristo. Esse momento de fraternidade permitiu-nos também louvar o Senhor pela obra que realizou nos Padres de Nicéia, ajudando-os a expressar com clareza a verdade de um Deus que se fez próximo de nós, encontrando-nos em Jesus Cristo. Possa também hoje o Espírito Santo achar em nós uma inteligência dócil para, a uma só voz, comunicarmos a fé aos homens e mulheres do nosso tempo!

No trecho da Carta aos Efésios escolhido como tema para a Semana de Oração deste ano, ouvimos repetir continuamente o qualificativo “um”: *um* só corpo, *um* só Espírito, *uma* só esperança, *um* só Senhor, *uma* só fé, *um* só batismo, *um* só Deus (cf. *Ef* 4, 4-6). Queridos irmãos e irmãs, como poderão estas palavras inspiradas não nos tocar profundamente? Como poderá o nosso coração não arder perante o seu impacto? Sim, «compartilhamos a fé no único Deus, Pai de todos os homens, confessamos juntos o único Senhor e verdadeiro Filho de Deus, Jesus Cristo, e o único Espírito Santo, que nos inspira e nos impele à plena unidade e ao testemunho comum do Evangelho» (Carta ap. *In unitate fidei*, 12). Somos *um*! Já o somos! Reconheçamo-lo, experimentemo-lo, manifestemo-lo!

O meu amado predecessor, Papa Francisco, observou que o caminho sinodal da Igreja Católica «é e deve ser ecuménico, assim como o caminho ecuménico é sinodal» (*Discurso a S.S. Mar Awa III*, 19 de novembro de 2022). Isto mesmo se refletiu nas duas Assembleias do Sínodo dos Bispos

de 2023 e 2024, caracterizadas por um profundo zelo ecuménico e enriquecidas pela participação de numerosos delegados fraternos. Considero que este seja um caminho para crescemos juntos no conhecimento mútuo das respetivas estruturas e tradições sinodais. Enquanto aguardamos os 2000 anos da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor Jesus em 2033, comprometamo-nos a desenvolver ainda mais as práticas sinodais ecuménicas e a partilhar reciprocamente o que somos, o que fazemos e o que ensinamos (cf. *Para uma Igreja sinodal*, 137-138).

Caríssimos, ao terminar esta Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, dirijo a minha cordial saudação ao Cardeal Kurt Koch, aos membros, consultores e à equipa do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, com os membros dos diálogos teológicos e de outras iniciativas promovidas pelo Dicastério. Agradeço a presença nesta liturgia de tantos líderes e representantes das várias Igrejas e Comunhões cristãs mundiais, em particular do Metropolita Polykarplos, pelo Patriarcado Ecuménico, do Arcebispo Khajag Barsamian, pela Igreja Apostólica Arménia, e do Bispo Anthony Ball, pela Comunhão Anglicana. Saúdo também os estudantes com bolsas da Comissão para a Colaboração Cultural com as Igrejas Ortodoxas e Ortodoxas Orientais do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, os estudantes do Instituto Ecuménico de Bossey do Conselho Mundial das Igrejas, os grupos ecuménicos e os peregrinos que participam nesta celebração.

O material para a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos deste ano foi preparado pelas Igrejas da Arménia. Com profunda gratidão, pensamos no corajoso testemunho cristão do povo arménio ao longo da história: uma história em que o martírio foi uma marca constante. No final desta Semana de Oração, recordamos o santo catholicos São Nerses Snorkhali “o Gracioso”, que trabalhou pela unidade da Igreja no século XII. À frente do seu tempo, ele compreendeu que a procura da unidade é uma tarefa que cabe a todos os fiéis e requer a cura da memória. São Nerses pode também ensinar-nos qual atitude adotar no nosso caminho ecuménico, como recordou o meu venerado predecessor *São João Paulo II*: «Os cristãos devem ter uma profunda convicção interior de que a unidade é essencial não por uma vantagem estratégica ou um ganho político, mas pelo

interesse da pregação do Evangelho» (*Homilia na Celebração Ecuménica*, Ierevan, 26 de setembro de 2001).

A tradição entrega-nos o testemunho da Arménia como a primeira nação cristã, com o batismo do rei Tiridate em 301 por São Gregório, o Iluminador. Demos graças pela forma como, por meio de intrépidos anunciantes da Palavra que salva, os povos da Europa Oriental e Ocidental acolheram a fé em Jesus Cristo; e rezemos para que as sementes do Evangelho continuem a produzir neste Continente frutos de unidade, justiça e santidade, também em benefício da paz entre os povos e as nações do mundo inteiro.

APRESENTAÇÃO DO SENHOR
XXX JORNADA MUNIDAL DA VIDA CONSAGRADA

Basílica de São Pedro

Segunda-feira, 2 de fevereiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs, hoje, na Festa da Apresentação do Senhor, o Evangelho fala-nos de Jesus que, no Templo, é reconhecido e anunciado como o Messias por Simeão e Ana (cf. *Lc 2, 22-40*). Apresenta-nos o encontro entre dois movimentos de amor: Deus que vem salvar o homem e o homem que, com fé vigilante, espera a sua vinda.

Da parte de Deus, ter sido Jesus apresentado no grande cenário de Jerusalém como filho de uma família pobre mostra-nos como Ele se oferece a nós, respeitando plenamente a nossa liberdade e partilhando totalmente a nossa pobreza. Com efeito, não há nada de coercitivo nas suas ações, mas apenas o poder desarmante da sua gratuidade desarmada. Por outro lado, da parte do homem, nos dois anciãos, Simeão e Ana, a expectativa do povo de Israel é representada no seu auge, como o ponto culminante de uma longa história de salvação, que se desenrola desde o jardim do Éden até aos pátios do Templo; uma história marcada por luzes e sombras, quedas e ressurgimentos, mas sempre percorrida por um único desejo vital: restabelecer a plena comunhão da criatura com o seu Criador. Assim, a poucos passos do “Santo dos Santos”, a Fonte da luz oferece-se como lâmpada para o mundo e o Infinito entrega-se ao finito, de uma forma tão humilde que quase passa despercebida.

Celebramos o XXX Dia da Vida Consagrada com base neste episódio, reconhecendo nele um ícone da missão dos religiosos e religiosas na Igreja e no mundo, conforme exortou o Papa Francisco: «Espero que “desperteis o mundo”, porque a nota característica da vida consagrada é a profecia» (*Carta ap. às pessoas consagradas pela proclamação do Ano da Vida Consagrada*, 21 de novembro de 2014, II, 2). Queridos irmãos e irmãs, a Igreja pede-vos para serdes profetas: mensageiros e mensageiras que anunciam a presença do Senhor e preparam o seu caminho. Para usar as

expressões de Malaquias, escutadas na primeira leitura, ela exorta a que vos torneis, no vosso generoso “esvaziamento” pelo Senhor, braseiros para o fogo do fundidor e vasos para a barrela do lavadeiro (cf. Ml 3, 1-3), para que Cristo, único e eterno Anjo da Aliança, presente também hoje entre os homens, possa fundir e purificar os corações com o seu amor, com a sua graça e com a sua misericórdia. E isto é o que sois chamados a fazer, em primeiro lugar, através do sacrifício da vossa existência, enraizados na oração e prontos a consumar-vos na caridade (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 44).

Os vossos fundadores e fundadoras, dóceis à ação do Espírito Santo, deixaram-vos modelos maravilhosos de como viver efetivamente este mandato. Em contínua tensão entre a terra e o Céu, com fé e coragem, partindo da Mesa Eucarística, deixaram-se levar uns ao silêncio dos claustros, outros aos desafios do apostolado, outros ao ensino nas escolas, outros à miséria das ruas e outros ainda às fadigas da missão. Com a mesma fé, regressaram, uma e outra vez, humilde e sabiamente, aos pés da Cruz e diante do Sacrário, para oferecer tudo e reencontrar em Deus a fonte e a meta de todas as suas ações. Com a força da graça, lançaram-se também em iniciativas arriscadas, tornando-se presença orante em ambientes hostis e indiferentes, mão generosa e ombro amigo em contextos de degradação e abandono, testemunho de paz e reconciliação no meio de cenários de guerra e ódio, prontos também a sofrer as consequências de uma ação contracorrente que os tornou em Cristo «sinal de contradição» (*Lc* 2, 34), às vezes até ao martírio.

O Papa Bento XVI escreveu que «a interpretação da Sagrada Escritura ficaria incompleta se não se ouvisse também quem viveu verdadeiramente a Palavra de Deus» (Ex. ap. pós-sinodal *Verbum Domini*, 48). Queremos, pois, recordar os irmãos e irmãs que nos precederam como protagonistas desta «tradição profética, na qual a Palavra de Deus se serve da própria vida do profeta» (*ibid.*, 49). Fazemo-lo sobretudo para receber o testemunho deles.

Na verdade, ainda hoje, com a profissão dos conselhos evangélicos e com os múltiplos serviços de caridade que ofereceis numa sociedade onde, em nome de um conceito falso e reduzido da pessoa, a fé e a vida parecem

cada vez mais distanciar-se uma da outra, sois chamados a testemunhar que Deus está presente na história como salvação para todos os povos (cf. *Lc* 2, 30-31). Sois chamados a testemunhar que, antes de tudo, o jovem, o idoso, o pobre, o doente, o prisioneiro têm o próprio lugar sagrado ao seu Altar e no seu Coração e, ao mesmo tempo, que cada um deles é um santuário inviolável da sua presença, diante do qual se deve ajoelhar para o encontrar, adorar e glorificar.

Prova disso são os numerosos “baluartes do Evangelho” que muitas das vossas comunidades conservam nos contextos mais variados e desafiantes, mesmo no meio de conflitos. Não se vão embora; nem fogem; mas permanecem, despojadas de tudo, para ser um apelo, mais eloquente do que mil palavras, à sacralidade inviolável da vida na sua mais pura essência – mesmo onde retumbam as armas e onde parece prevalecer a prepotência, o interesse e a violência – fazendo, com a sua presença, eco das palavras de Jesus: «Livrarei-vos de desprezar um só destes pequeninos, pois [...] os seus anjos, no Céu, veem constantemente a face de meu Pai» (*Mt* 18, 10).

E gostaria de me deter, a este respeito, na oração do velho Simeão, que a cada dia todos recitamos: «Agora, Senhor, segundo a tua palavra, deixarás ir em paz o teu servo, porque meus olhos viram a Salvação» (*Lc* 2, 29-30). Efetivamente, a vida religiosa, com o seu sereno desapego de tudo o que passa, ensina a indissociabilidade entre o cuidado mais autêntico pelas realidades terrenas e a esperança amorosa daquelas eternas, escolhidas já nesta vida como fim último e exclusivo, capaz de iluminar todo o resto. Simeão viu em Jesus a salvação e sente-se livre diante da vida e da morte. «Justo e piedoso» (*Lc* 2, 25), ao lado de Ana, que «não se afastava do templo» (*ibid.* v. 37), mantém o olhar fixo nos bens futuros.

O Concílio Vaticano II recorda-nos que «a Igreja [...] só na glória celeste alcançará a sua realização acabada, [...] quando, juntamente com o género humano, também o universo inteiro [...] for perfeitamente restaurado em Cristo» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 48). Esta profecia também está confiada a todos vós, homens e mulheres com pés bem assentes na terra, que ao mesmo tempo aspirais «sempre às coisas do alto» (Missal Romano, *Coleta da Missa da Solenidade da Assunção da Virgem santa Maria*). Cristo morreu e ressuscitou para

«libertar aqueles que, por medo da morte, passavam toda a vida dominados pela escravidão» (*Heb* 2, 15), e vós, empenhados em segui-lo mais de perto, participando no seu “despojamento” para viver no seu Espírito (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decreto *Perfectae caritatis*, 28 de outubro de 1965, 5), podeis mostrar ao mundo, na liberdade de quem ama e perdoa sem medida, o caminho para superar conflitos e semear fraternidade.

Queridas consagradas e queridos consagrados, a Igreja agradece hoje ao Senhor e a cada um a vossa presença, e encoraja-vos a ser, onde quer que a Providência vos envia, fermento de paz e sinal de esperança. Confiemos a vossa obra à intercessão de Maria Santíssima e de todos os vossos santos Fundadores e Fundadoras, enquanto juntos renovamos sobre o Altar a oferta da nossa vida a Deus.